



# **A teoria dos paradigmas de Kuhn aplicada na teologia da missão**

---

*por Rafael Zulato Langraff*

Este é o terceiro texto de uma série de cinco reflexões introdutórias acerca do livro “Missão transformadora – mudanças de paradigma na teologia da missão” de David J. Bosch. O presente artigo se propõe a apresentar a relevância que tem para a teologia da missão a filosofia de Thomas Kuhn acerca do desenvolvimento do conhecimento por meio da quebra de paradigmas. Este argumento é fundamental para o trabalho de Bosch que tem por objetivo principal apresentar o novo paradigma emergente da missão e, portanto, se estabelece sob tal perspectiva.

## DA DIALÉTICA À TEORIA DE KUHN

O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) defendia que o conhecimento da verdade era resultante da dialética. Todo conhecimento, segundo ele, tem um primeiro momento denominado de tese. A tese é uma proposição parcial e incompleta da verdade que se torna mais completa somente no segundo momento, na apresentação de sua antítese. A antítese – ou dialética restrita – é a contradição do primeiro argumento ao expor as limitações e falhas da tese. Segue disto um terceiro momento, a saber, a síntese. Aqui, os aspectos contraditórios entre a tese e a antítese se inter-relacionam gerando o conhecimento mais amplo. Após elaborada, a síntese passa a ser uma nova tese, que deverá ser contraposta com uma antítese, gerando uma nova síntese, que por sua vez, será tomada como a nova tese e assim sucessivamente. A filosofia dialética de Hegel, portanto, consiste na observação do desenvolvimento do pensamento através de um fluxo linear de teses, antíteses e sínteses.

Por muito tempo, acreditou-se que a ciência se desenvolvia por meio da construção linear e sobreposta de conhecimentos sendo as novas descobertas uma evolução natural alicerçadas no conhecimento anterior. O físico e historiador da ciência Thomas Kuhn (1922-1996) apresentou uma teoria diferente, que resultaria no rompimento com o argumento clássico da dialética.[1] Segundo Kuhn, o desenvolvimento da ciência não se dá por meio da soma de novos conhecimentos de forma linear, antes, ela se desenvolve em sobreposição refutando e terminando por eliminar os paradigmas anteriores. Por paradigmas, entende-se os padrões ou modelos teóricos vigentes em um determinado período. Na física, por exemplo, o paradigma copernicano foi substituído pelo newtoniano e, novamente em seguida, pelo einsteiniano.

*Em poucas palavras, a sugestão de Kuhn é que a ciência, em realidade, não cresce cumulativamente (como se mais e mais conhecimento e pesquisa nos aproximassem cada vez mais das soluções finais dos problemas), mas, antes, mediante “revoluções”. Alguns indivíduos começam a perceber a realidade de modo qualitativamente diferente de seus antecessores e coetâneos que estão realizando “ciência normal”. O pequeno grupo de pioneiros sente que o modelo científico existente está repleto de anomalias e se mostra incapaz de resolver problemas emergentes. Principiam, então, a procurar um novo modelo ou estrutura teórica, ou um novo “paradigma”, que está, por assim dizer, apenas esperando para substituir o velho.[2]*

Karl Popper (1902-1994), um filósofo contemporâneo a Kuhn, defendeu a tese do falsificacionismo científico. Segundo ele, o conhecimento científico não é adquirido através da afirmação dos fatos verdadeiros e sim, de modo oposto, por meio da falsificação dos fatos, ou para usar o termo de Kuhn, dos paradigmas anteriores. Isso ocorre devido a adoção da lógica indutiva como método científico, que consiste no processo de transferência do conhecimento por meio da observação de um conjunto restrito para conclusões gerais (indução) da verdade. Um exemplo comumente citado afirma que, se todos os cisnes que um cientista do século 16 observou eram brancos, e após considerar uma amostragem considerável a ser observado, digamos, alguns milhares de cisnes observados durante algumas décadas, tal cientista pôde inferir que todo cisne é branco. A constatação de que todo cisne é branco não pode ser provada; o que o cientista fez foi

afirmar que todos os cisnes que foram observados eram brancos. Contudo, no século 17, pela primeira vez, um europeu se deparou com um cisne preto. Tal constatação falsificou o paradigma anterior, e deste modo, o conhecimento acerca dos cisnes não foi ampliado, mas substituído.

Kuhn destaca que as mudanças de paradigmas não ocorrem isentas de conflitos. A transição se dá de modo gradativo e, à medida que as refutações contra o paradigma anterior crescem, os defensores do novo paradigma encontram resistência natural daqueles conservadores que ainda se apegam às antigas teorias, ou simplesmente não conseguem compreender os novos argumentos propostos.

*Nenhum indivíduo ou grupo consegue, de fato, “criar” um novo paradigma; em verdade, ele cresce e amadurece dentro do contexto de uma rede extraordinária de diversos fatores sociais e científicos. À proporção que o paradigma vigente se desfaz, o novo começa a atrair um número crescente de estudiosos, até que, finalmente, abandona-se o paradigma original, eivado de problemas.[3]*

A mudança de um paradigma é mais do que um avanço racional, visto que ultrapassa as constatações objetivas e atinge o campo das crenças acerca da realidade que, por sua vez, implicam em compromissos e dedicação de vida. Em outras palavras, mudar aquilo que se acredita ser a verdade, por vezes, não consiste simplesmente na troca do modo como se vê o mundo – que já seria algo crítico em si –, mas em trocar o chão que se pisa. Por este motivo, Kuhn emprega linguagens religiosas ao

afirmar que a mudança de paradigmas exige uma “conversão” como “escamas caindo dos olhos”.

*Isso explica por que defensores da velha ordem e paladinos da nova, frequentemente, contendem sem chegar a consenso algum. Protagonistas do velho paradigma, sobretudo, tendem a se imunizar contra os argumentos do novo. Eles resistem a seus desafios com reações profundamente emocionais, porque esses questionamentos ameaçam destruir sua própria percepção e experiência da realidade, na verdade, seu mundo todo. Nas palavras de Einstein, “é mais fácil romper átomos do que preconceitos”. [4]*

A questão é que, como supracitado, nem sempre a falsificação do paradigma anterior ocorre de modo objetivo por meio da descoberta de um cisne preto nunca antes observado. Em grande parte, as novas teorias que constroem o novo paradigma são filosóficas e subjetivas. É o que ocorre ao aplicarmos à teoria de Kuhn na teologia da missão.

## MUDANÇAS DE PARADIGMA NA MISSÃO

Ao apresentar a história da missão cristã, é comum que historiadores utilizem um desenvolvimento através de períodos que partem da igreja primitiva judaica e sua expansão ao mundo greco-romano, seguindo pela evangelização dos povos bárbaros, a formação da Europa ocidental, sua expansão pelo norte global e culminando nas missões cristãs de divulgação do evangelho no sul global.

David Bosch apresenta uma alternativa ao utilizar em sua análise histórica da igreja e da missão a teoria das mudanças de paradigmas proposta por Thomas Kuhn. Semelhante ao que é comumente descrito por teólogos e historiadores, cada novo paradigma da missão concorda paralelamente com um período histórico, no entanto, no modelo de Bosch, as mudanças não se dão por meio de um desenvolvimento acumulativo. Em cada período houve eventos importantes que causaram mudanças filosóficas e culturais que resultaram na necessidade de a igreja revisar sua compreensão de si mesma e da missão para adaptar-se.

Segundo Bosch, a fixação em conceitos teológicos e missiológicos sem a devida atenção às mudanças contextuais de cada período, compete em ignorar o fato de a fé cristã ser uma fé histórica.

*Deus comunica sua revelação às pessoas por intermédio de seres humanos e eventos, não através de proposições abstratas. Isso constitui uma outra maneira de dizer que a fé bíblica, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, é “encarnacional”, com a realidade de Deus adentrando os assuntos humanos. [5]*

Bosch utiliza o modelo de divisão da história teológica e missional cristã em seis diferentes paradigmas, [6] da seguinte forma:

- 1) o paradigma do cristianismo primitivo, caracterizado principalmente pelo aspecto apocalíptico escatológico da expectativa da eminente segunda vinda de Cristo;
- 2) o paradigma do período patrístico dos primeiros séculos da igreja cristã, marcado pela linguagem helenística, argumentação e consolidação filosófica dos dogmas cristãos;
- 3) o paradigma católico romano medieval, que envolve desde o estabelecimento político da igreja até sua expansão por meio do modelo missionário colonialista;
- 4) o paradigma protestante ou da reforma, caracterizado pelo resgate dos dogmas do período patrístico e da expansão missionária pela pregação e disseminação dos dogmas da reforma e da contra-reforma;
- 5) o paradigma moderno do iluminismo que investiu grande parte de sua atenção na formulação filosófica de argumentos teológicos para se opor ao racionalismo iluminista;
- 6) e por fim, o novo paradigma ecumênico emergente, que, segundo David Bosch, precisa ser desenvolvido com base em reflexões contundentes acerca do contexto histórico hodierno.

Outros modelos de divisões são possíveis. James P. Martim, por exemplo, divide a história da igreja e da teologia somente em três eras: pré-crítico (que comportam os quatro primeiros paradigmas do modelo de Küng), crítico (Iluminista) e pós-crítico (o paradigma emergente). Michael Goheen, por sua vez, propõem quatro paradigmas, sendo eles o da igreja primitiva, o da cristandade, o do Iluminismo e o paradigma do período contemporâneo. O que todos estes modelos têm em comum é a constatação de que existe um novo paradigma a ser considerado, diferente do paradigma moderno – ou iluminista – que vigorou até o século 20.

*A questão é, simplesmente, que a igreja cristã, em geral, e a missão cristã, em especial, confrontam-se hoje com problemas nunca antes imaginados, que clamam por respostas que não só sejam relevantes para nossos dias, mas também estejam em harmonia com a essência da fé cristã.[7]*

Dentre os desafios contemporâneos pelo qual a igreja-em-missão é confrontada, encontra-se o fato de que o Ocidente perdeu sua posição como lar do cristianismo. O evangelho cristão não é mais predominantemente pregado por missionários do norte global em países do sul global. Segue que há um profundo sentimento de ambiguidade em relação aos avanços tecnológicos e ao desenvolvimento do ocidente. A pregação iluminista do progresso, falhou, principalmente com o cenário das duas guerras mundiais. Durante o século 20, ficou cada vez mais claro que o Ocidente não era tão cristão quanto se pensava e nem a sua cultura era secular ou neutra. Este viés de cultura cristã prejudicou a visão crítica da igreja em relação aos aspectos idolátricos da cultura ocidental. Outra consequência desastrosa foi a separação entre a missão e a igreja, com a restrição do conceito de missão à proclamação do evangelho e imposição da cultura ocidental aos povos e culturas longínquas, que resultou em igrejas locais com uma autocompreensão desconexa da missão, pautada no sustento dos missionários distantes e ocupando-se com agendas internas. Há ainda nos dias atuais – como nunca antes existiu – uma consciência acerca da finitude dos recursos de nosso planeta em comparação com o crescimento

populacional que resulta em um apelo ecológico crescente. Some a isto as contestações acerca das estruturas sociais injustas, problemas com doenças, violência, fome e tantos outros fatores que poderiam ser acrescentados a estes.

*O que estou tentando deixar claro é, simplesmente, e entenda-se isso de forma bem literal, que vivemos em um mundo fundamentalmente distinto daquele do século 19, sem falar de épocas anteriores. A nova situação nos desafia em todos os sentidos a uma resposta apropriada.[8]*

Consequentemente, um novo paradigma de missão se faz necessário. Um paradigma que cumpra, entre outros requisitos, a tarefa de relacionar novamente o pensamento missiológico às igrejas locais – uma eclesiologia missional –, conscientizando-as da necessidade de contextualização do evangelho na forma de explanação e não de difusão de um evangelho exclusivamente ocidental. Em outras palavras, em vez de uma missão que, entre outros aspectos, impõe por meio da força uma cultura compreendida como superior, devemos aspirar uma missão que permita a interação do evangelho com a cultura local produzindo novas formas em cada novo contexto. Neste exercício de contextualização do evangelho, a igreja corre dois grandes riscos: em primeiro lugar, o risco de se acomodar, tornando-se irrelevante e, em segundo lugar, o risco do sincretismo. O primeiro acontece quando a igreja se fecha para a realidade do mundo ao seu redor impossibilitando que o evangelho atue em sua completude na transformação do indivíduo e da sociedade. O segundo

ocorre quando a igreja é influenciada por aspectos da cultura local e se amolda aos padrões idólatras do mundo pagão sob o pretexto do diálogo intercultural. Na contramão destes dois riscos, a igreja precisa ser relevante no ambiente em que está inserida mantendo a fidelidade ao evangelho de Cristo.

Tal desafio da contextualização é apenas um dentre os diversos desafios que se apresentam às igrejas contemporâneas convidando-nos à reflexão acerca do novo paradigma.

## PALAVRAS FINAIS

É importante lembrar que, segundo Thomas Kuhn, as mudanças de paradigmas não se dão de forma linear e pacífica, mas em um longo processo de transição e conflitos entre os conservadores do antigo modelo e os defensores do novo. Segue que a mudança para um novo paradigma não implica na extinção de adeptos dos paradigmas anteriores que o defendem de modo dogmático.

Fato é que, o momento em que estamos vivendo na história é, justamente, esta transição, onde as metodologias antigas se apresentam – ao menos parcialmente – defasadas e somos interpelados pelo mundo contemporâneo em pontos dantes não refletidos. Não estamos vivendo um novo paradigma propriamente dito, e sim uma transição de eras que sempre se mostrou caótica com as suspeitas e relutâncias em relação ao novo.

*Em cada uma dessas eras, os cristãos, a partir de seus próprios contextos, debateram-se com a questão do que a fé cristã, e por implicação, a missão cristã significavam para eles. É supérfluo dizer que todos acreditavam e sustentavam que sua compreensão da fé e da missão da igreja era fiel ao intento divino. Isso não quer dizer, porém, que todos pensassem de forma idêntica e que chegassem às mesmas conclusões.[9]*

Neste sentido, podemos afirmar – como constatou o sábio escritor do Eclesiastes – que não há nada de novo debaixo do sol. O convite proposto por Bosch é para que compreendamos o estado das coisas e a importância – acima de nossas preferências – da missão como “participação das pessoas cristãs na missão libertadora de Jesus” que “é a boa nova do amor de Deus, encarnado no testemunho de uma comunidade, em prol do mundo”. [10]

[1] É digno de nota – e no mínimo curioso – que a teoria de Kuhn, apesar de oferecer uma nova perspectiva, pode ser vista como uma antítese da tese de Hume do desenvolvimento dialético e, portanto, termina por confirmar o método dialético.

[2] BOSCH, p.230

[3] BOSCH, p.230

[4] BOSCH, p.231

[5] BOSCH, p.227

[6] O modelo utilizado por Bosch foi sugerido pelo teólogo e filósofo suíço Hans Küng (1928-2021)

[7] BOSCH, p.235

[8] BOSCH, p.236

[9] BOSCH, p.228

[10] BOSCH, p.619

**BASE BIBLIOGRÁFICA PARA TODAS AS CITAÇÕES:**

BOSCH, David J. Missão transformadora – mudanças de paradigma na teologia da missão; Ed. Sinodal, 5ª ed. São Leopoldo/RS, 2021